

Iniciação Científica no Ensino Médio: reflexões e experiências de jovens negros em duas escolas públicas de Governador Valadares/MG

Lucinei Pereira da Silva¹
Michelle Gonçalves Rosa²
Fernanda Cristina de Paula³
Rita Cristina de Souza Santos⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo central refletir e analisar as experiências vividas por estudantes negros no Projeto de Iniciação Científica UBUNTU/NUPEAAs (Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diáspora) para o Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação de MG (SEE-MG), promovido pelo programa ICEB (Iniciação Científica da Educação Básica). O foco desta investigação foram duas escolas públicas da cidade Governador Valadares/MG onde foram desenvolvidas as atividades deste projeto. Em relação ao nosso percurso metodológico, optamos por privilegiar a abordagem qualitativa de pesquisa educacional, utilizando-se de questionário com estudantes egressos do projeto. Os resultados alcançados nesta pesquisa evidenciaram que as ações do projeto de Iniciação Científica contribuíram para que os jovens estudantes negros adquirissem conhecimentos no campo da ciência e também uma oportunidade de reconhecer sua identidade étnico-racial no ambiente escolar, que ainda é marcado pelo preconceito e o racismo.

Palavras-Chave: Iniciação Científica, Ensino Médio, Jovens Negros.

Scientific Initiation in High School: Reflections and experiences of Young Black people in two public schools in Governador Valadares/MG

Abstract

The central objective of this article is to reflect and analyze the experiences lived by black students from the UBUNTU/NUPEAAs Scientific Initiation Project (Center for African, Afro-Brazilian and Diaspora Studies) for High School at the State Department of Education of MG (SEE -MG) promoted by the ICEB program (Basic Education Scientific Initiation). The focus of this investigation will be on two public schools in the city of Governador Valadares/MG where the activities of this project were developed. In relation to our methodological path, we chose to prioritize the qualitative approach to educational research, using a questionnaire with students who graduated from the project. The results achieved in this research showed that the actions of the Scientific Initiation project contributed to young black students acquiring knowledge in the area of science and also an opportunity to recognize their ethnic-racial identity in the school environment, still marked by prejudice and racism.

Keywords: Scientific Initiation, High School, Young Black People.

Introdução

Este artigo tem como objetivo central refletir e analisar as experiências vividas por estudantes negros no Projeto de Iniciação Científica UBUNTU/NUPEAAs (Núcleo

¹ Doutorando em Ciência da Informação (PPGCI-UFMG). Professor de História na Rede Estadual de Minas Gerais (SEE-MG); E-mail: lucinei.pereira28@gmail.com.

² Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais (Neabi-UFOP); Professora de Filosofia na Rede Estadual de Minas Gerais (SEE-MG); E-mail: michellehelenal@yahoo.com.br.

³ Doutora em Geografia (Unicamp); Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território (UNIVALE); E-mail: fernanda.paula@univale.br.

⁴ Doutora em Saúde Coletiva (IMS-UERJ). Assessora Técnica em Psicologia no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ/CRAAI-MACAÉ); E-mail: rita.santos@mprj.mp.br.

de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diáspora) para o Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE-MG), promovido pelo programa ICEB (Iniciação Científica da Educação Básica). O referido projeto visou o desenvolvimento de práticas pedagógicas de Iniciação Científica (IC) Júnior com enfoque no redimensionamento curricular do Ensino Médio e implementar o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, conforme previsto na Lei nº. 10.639/03, no Parecer CNE/CP nº. 003/2004, na Resolução CNE/CP nº. 001/2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Cabe ressaltar ainda que, o projeto UBUNTU/NUPEAAs faz parte das ações da Campanha “Afroconsciência: com essa história, a escola tem tudo a ver”, instituída em 2017 e que tem como enfoque a promoção da igualdade racial pautada no reconhecimento da diversidade como elemento preponderante para o desenvolvimento escolar. Neste contexto, a SEE-MG publicou a Resolução 3553 de 11 de agosto de 2017, que dispõe da iniciação científica no ensino médio cujo objetivo era promover a Educação para as Relações Étnico-Raciais no ensino médio das escolas estaduais do Estado de Minas Gerais buscando efetivar, pelos estudantes participantes do projeto, a construção de senso crítico e de uma reflexão autônoma de si mesmos.

Os projetos abordados neste artigo, foram selecionados por meio de Edital de Seleção em que seria necessário abordar perspectivas políticas e socioculturais da história africana e afro-brasileira. O primeiro, intitulado “Invisibilidade e protagonismo de jovens negros na universidade: o caso de jovens negros oriundos de uma escola pública em Governador Valadares/MG” e desenvolvido na Escola Estadual Labor Club durante o ano de 2018. Este projeto de IC tinha como objetivo compreender se os debates e as questões sobre o papel do negro na sociedade tratadas nesta escola contribuíram ou não para o protagonismo e o empoderamento dos jovens negros no ensino superior. O segundo, tinha como título “Instrumentos necessários para a atuação antirracista nas escolas” e foi desenvolvido na Escola Estadual Prefeito Joaquim Pedro Nascimento, ativamente, ao longo do ano de 2022. Este projeto buscou entender e analisar instrumentos da luta antirracista no ambiente escolar, tendo como foco a apropriação de conhecimento sob uma perspectiva descolonizada.

Inicialmente, faremos uma descrição da trajetória dos projetos de Iniciação Científica em ambas as escolas pesquisadas. Nosso esforço será visualizar e refletir sobre o engajamento dos jovens pesquisadores às atividades de pesquisa, as relações entre o núcleo, a escola e a SEE, o enfrentamento às práticas racistas no ambiente escolar e o papel dos projetos neste contexto. A seguir, buscaremos refletir nesta investigação sobre as experiências de jovens negros nos núcleos de IC. Para tanto, utilizaremos de uma abordagem metodológica qualitativa, cujo procedimento foi o envio de questionários aos participantes.

Jovens negros no ensino médio: limites e desafios para efetivação de uma educação para as relações étnico-raciais

A Lei 10.639 (Brasil, 2003) completou em 2023, 20 anos de sua promulgação e exige de nós uma reflexão profunda das mudanças promovidas desde então. Avanços e conquistas são inegáveis, mas ainda encontramos desafios e resistências que precisam ser superadas. Como já mencionamos neste artigo, a permanência de jovens negros nas escolas, ainda é um obstáculo a ser transposto, devido aos altos índices de evasão e repetência. Em outras palavras, o fracasso escolar dos indivíduos tende a ser estigmatizado pelo senso comum, onde estes estudantes são classificados entre disciplinados, de acordo com uma escala de disciplina àqueles mais passíveis de serem dóceis e os indisciplinados, ou os desobedientes. No entender de Carvalho (2004), a evasão escolar, assim como trajetórias com muitas interrupções estão intimamente articuladas a sucessivas reprovações, todos eles problemas crônicos do sistema escolar brasileiro. De modo geral, a instrumentalização do fracasso escolar, atinge jovens negros devido a reputação de caráter historicamente excludente e cuidadosamente cultivada pela sociedade racista ao considerar estes sujeitos como “maus alunos”.

Apesar da implementação de diversas políticas de melhoria do fluxo escolar, que conduziram à aceleração de estudos, à organização do ensino em ciclos e à aprovação automática de alunos, ao longo dos anos de 1990, que apontam para diminuição nas taxas de repetência, não indicam a efetiva permanência articulada a uma melhoria no acesso ao conhecimento de jovens negros (Carvalho 2004, p. 250). Na tentativa de reverter esse cenário, ressaltamos o papel da escola como instituição também responsável pela

construção de uma imagem positiva do negro na sociedade. Nilma Lino Gomes (2003) enfatiza que para a consolidação de uma educação antirracista no espaço escolar que possa abolir as desigualdades étnicas raciais é necessária a construção positiva da cultura negra formada sobretudo, pela corporeidade, pela musicalidade, pela estética e a vivência da africanidade.

Mediante ao exposto, é urgente avançar na constituição de práticas pedagógicas que combatam a discriminação racial e no enfrentamento do mito construído sobre o negro. Resgatar os aportes culturais dos africanos e afro-brasileiros na construção da sociedade brasileira e o protagonismo negro nos diversos momentos históricos do Brasil é inadiável e a desconstrução de paradigmas racistas precisam estar presentes nos conteúdos escolares ministrados nos currículos. Considerando essas prerrogativas, é possível apontar para possibilidades concretas, de modo a garantir aos estudantes das escolas públicas, sobretudo, aos alunos negros, dispositivos que os permitissem continuar os estudos e concluírem o ensino médio no tempo ideal. Para assegurar esse objetivo, é cabível a elaboração de políticas públicas que promovam a permanência escolar e também o aprendizado sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. Sobre este aspecto, Cunha *et al.* (2018) enfatiza a importância do projeto de iniciação científica para o ensino médio:

Ao fomentar estudos e pesquisas sobre a história e cultura africana e afro-brasileira espera-se contribuir para o desenvolvimento social dos jovens estudantes da Rede Estadual de Ensino, que poderão conhecer outras experiências de culturas, histórias e saberes inegavelmente silenciados em nossos currículos escolares. Ainda, o Ubuntu/Nupeaas visa contribuir para o desenvolvimento escolar, incentivar a continuidade dos estudos em outros níveis de ensino e subsidiar o processo de qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho (Cunha *et al.* 2018, p. 241).

Na concepção de Artes e Unbehaum (2021) tratar do acesso e permanência de jovens negros no ensino médio remete diretamente à concepção de justiça social. Na verdade, a afirmação da presença do jovem negro na escola de ensino médio pode representar não só um movimento de empoderamento juvenil, como também a perspectiva de criar uma nova forma deles vivenciarem a escola. Para isso, como já enfatizamos, é essencial a formulação de políticas públicas eficientes não só como reconhecimento das injustiças culturais contra a população negra, mas também no

empenho de ações para o acesso, a permanência e a conclusão desses sujeitos nesta etapa de ensino.

Projeto 1: Invisibilidade e protagonismo de jovens negros na universidade

Apesar do aumento na taxa de frequência de negros e pardos na faixa etária entre 15 e 17 anos no ensino médio, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD (2009) é um desafio a permanência de jovens negros na escola, pois, observa-se nesta etapa de ensino altos índices de evasão e repetência. Neste pensar, são necessárias políticas afirmativas para reverter este cenário, de modo a garantir a permanência e a conclusão de um Ensino Médio com qualidade para os jovens negros, como já ocorre há alguns no ensino superior. Foi a partir desta constatação que surgiu o projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “Invisibilidade e protagonismo de jovens negros na universidade: o caso de jovens negros oriundos de uma escola pública em Governador Valadares/MG” desenvolvido na Escola Estadual Labor Club durante o ano de 2018. Nesta instituição foi observado pelo professor responsável pelo projeto e pelos seis jovens estudantes do ensino médio que poucos eram os alunos negros que ingressavam no ensino superior. Os principais problemas de pesquisa desta investigação eram: quais limites e possibilidades de acesso de jovens negros à universidade? Como esses estudantes compreendem as questões raciais, preconceito e a reprodução de estereótipos na escola e na universidade?

A partir destes questionamentos, foram traçados os principais objetivos deste projeto de pesquisa de Iniciação Científica que era compreender os limites e possibilidades das trajetórias de jovens negras e jovens negros egressos da Escola Estadual Labor Club no ensino superior e refletir sobre a falta de perspectiva dos estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Médio, sobre o acesso na universidade. Tínhamos o intuito de desenvolver uma metodologia qualitativa utilizando os seguintes instrumentos de coleta de dados:

- 1) Levantamento de quais estudantes negros egressos da Escola Estadual Labor Club estavam cursando o ensino superior, tanto nas universidades públicas quanto privadas de Governador Valadares.

2) Realizar entrevistas gravadas e filmadas com 4 (quatro) estudantes que naquele período cursavam a universidade e uma roda de conversa, com 5 (cinco) estudantes matriculados no 3º (terceiro) ano do ensino médio.

Após a redação do projeto, o texto foi enviado à SEE e aceito após um processo de seleção no final do ano de 2017. As escolas estaduais Labor Club e Doutor Antônio Ferreira Lisboa Dias, foram os únicos núcleos da Secretaria de Estado de Educação selecionados em Governador Valadares. As atividades foram iniciadas em 2018 e a primeira dificuldade encontrada pelo professor-coordenador do núcleo de IC foi a participação dos estudantes no contraturno. Cabe ressaltar que, a escola fica localizada em uma região de classe média, no entanto, os alunos desta instituição residiam na periferia da cidade, em diferentes bairros, alguns distantes cerca de 6 km da escola. Mediante a esse fato, apenas estudantes que residem relativamente mais perto, aceitaram participar das atividades do projeto no período vespertino, pois, teriam que ir em casa, almoçar e voltar para a escola no horário das reuniões. A infrequência de alguns estudantes estava se tornando um empecilho para o bom andamento das atividades, já que não havia nenhum incentivo financeiro por parte do governo do estado.

Ao longo do projeto, foram ouvidos rumores que cada estudante iria receber um notebook para realizar a pesquisa, no entanto, esses aparelhos nunca chegaram à escola. De certa maneira, isso gerou uma frustração nos pesquisadores. Mesmo neste cenário, continuaram com as atividades do projeto. Durante as reuniões os/as estudantes tiveram a oportunidade de ler e debater textos relacionados ao tema da pesquisa, como exemplo, o capítulo 2 intitulado *Ações Afirmativas* da dissertação de mestrado “Jovens negros no Colégio Pedro II: ações afirmativas e identificação racial” (Silva, 2015), o artigo “A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra” (Gonçalves e Ambar, 2015) e “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão” (Gomes, 2005). Em todos os encontros, um estudante ficava responsável em coordenar a reunião e instigar o debate do texto e outro em redigir o relatório das reflexões desenvolvidas e as decisões tomadas. Além disso os/as estudantes assistiram e debateram os vídeos “Xadrez das Cores” (2004), “Vista a minha pele” (2011), “Cidade dos Homens: Uólace e João Vitor” (2002). Também, realizaram no dia 21 de março “Dia Internacional da Luta contra a Discriminação Racial” atividades de

conscientização com painéis, adesivos e folders. Foi um momento que envolveu todos os estudantes no debate sobre as práticas discriminatórias no ambiente escolar.

Dentre as atividades desenvolvidas podemos citar também o “I Seminário de Iniciação Científica e I Movimento Escola Sem Racismo”, da qual foram convidadas integrantes do Movimento Negro da cidade para coordenarem oficinas com todos os estudantes da escola, que teriam que se inscrever na atividade previamente. Entre os temas das oficinas podemos citar: ações afirmativas (cotas raciais) na universidade; valorização de meninas e mulheres negras; representação do negro na mídia; o negro na universidade. Vale ressaltar também que, cada estudante pesquisador ficou responsável pelo apoio e redação do relatório da oficina. Em abril de 2018 foi enviado à escola o Ofício Circular SB/SMT Nº 63 que orienta sobre a participação dos/as Professores/as-Orientadores/as e estudantes pesquisadores/as no Simpósio Nacional de Educação Básica que integra a programação do X COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Este ofício visava estimular os professores e estudantes integrantes do projeto a participarem do congresso. Para pagamento da taxa de inscrição poderiam ser utilizados os recursos do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PROEMI). Juntamente com os estudantes foi escrito o resumo e encaminhado ao evento. No entanto, devido às várias burocracias no que diz respeito ao fretamento de ônibus e hospedagem na cidade de Uberlândia (sede do congresso), 851 km de distância de Governador Valadares, não foi possível a participação presencial dos integrantes do projeto. Apesar disso, o resumo foi publicado no Caderno de Resumos do X COPENE⁵.

Como produto final proposto pelo projeto de IC seria produzido um documentário com estudantes negros da escola. A intenção dessa produção era refletir sobre os motivos dos estudantes da escola pesquisada seguirem suas trajetórias ou não no ensino superior. Foram entrevistados quatro alunos, dois do gênero masculino e dois do gênero feminino. As filmagens ocorreram na parte interna da escola (Figura 1) e também na praça em frente à instituição.

⁵ SILVA, L. P.; CALDEIRA, R. J. P.; OLIVEIRA, S. M. N.; HORA, L. V.; LOPES, A. C. S.; MARTINS, T. P.; SILVA, M. S. N. (In)visibilidade e protagonismo de jovens negros na universidade: o caso de estudantes oriundos de uma escola pública em Governador Valadares/MG. In: X Congresso Brasileiro dos(as) Pesquisadores(as) Negros(as), 2018, Uberlândia. Relatório de Livro de Resumos, 2018. p. 213-213.

Figura 1: Gravação do documentário



Fonte: acervo do Projeto 1, novembro de 2018.

As gravações só foram possíveis por meio da parceria entre o núcleo e o Serviço Social do Comércio – SESC - que se localiza ao lado da escola. Naquele período, esta instituição oferecia oficinas de audiovisual para o público em geral, especialmente àqueles ligados ao comércio. Através de uma solicitação feita pela escola ao SESC, foi autorizada uma turma de introdução ao audiovisual exclusiva para os estudantes do projeto no contraturno. Através do empréstimo da câmera, foi viabilizada as gravações do documentário. Ao longo dos encontros, os estudantes tiveram aulas de noções de audiovisual, técnicas de entrevista e elaboraram o seguinte roteiro que incluía: verificar o local que aconteceriam as entrevistas, elaborar o Termo de Consentimento para assinatura dos entrevistados, contactar os sujeitos e gravações das entrevistas. Entretanto, uma outra dificuldade se estabeleceu: não havia quem editasse o material e não havia recursos financeiros para tal tarefa. Em suma, o documentário não foi finalizado e as gravações ficaram arquivadas em um cartão de memória.

Na última reunião do núcleo em 14/12/2018 os alunos receberam para uma roda de conversa um tutor, docente do Instituto Federal Sudeste (Campus São João Del Rei) e selecionado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e SEE-MG para verificar o andamento dos trabalhos do Núcleo. Foi um momento de os estudantes relatarem suas percepções sobre o projeto ao longo do ano.

Neste encontro também, os pesquisadores ouviram trechos das entrevistas e debateram sobre as relações que poderiam ser estabelecidas entre os depoimentos dos entrevistados e os objetivos do projeto.

Projeto 2: Instrumentos necessários para a atuação antirracista na escola

A escola é, para muitos negros e negras, o primeiro lugar do racismo direto. Das experiências múltiplas de racismo, as que acontecem no espaço escolar são as que deixam sequelas mais profundas e nocivas. Nesse espaço, bem como na sociedade brasileira, paira no imaginário das pessoas o mito da democracia racial. Este, sedimentado pelo discurso da mestiçagem, anulando o debate das raízes bem sustentadas pelo racismo em nossa sociedade. O que impede um combate incisivo e efetivo ao racismo. É diante desta observação que o projeto de pesquisa sob o título “Instrumentos necessários para a atuação antirracista nas escolas” é principiado na Escola Estadual Prefeito Joaquim Pedro Nascimento em 2021, com atuação efetiva em 2022. A pergunta problema da pesquisa foi: “Como a escola e a comunidade escolar podem atuar na luta antirracista?”. O ICEB - Iniciação Científica da Educação Básica - responsável pelo programa, a partir de memorandos e orientações, estruturou datas para cumprimento do projeto, bem como a orientação das verbas encaminhadas à escola. Esta ação possibilitou a aquisição de notebooks para empréstimo aos nove estudantes pesquisadores e verbas para custear o trabalho de campo e alimentação aos integrantes do projeto ao Museu Afro Brasil na cidade de São Paulo, à 892 km de distância de Governador Valadares.

Os encontros aconteciam toda semana no contraturno das 11h30 às 12h30 nas dependências da escola, logo após o término da aula. Esta escolha de horário foi deliberada em conjunto com os estudantes pesquisadores, considerando que não havia sexto horário letivo para todos os participantes. A opção pelo contraturno imediato à aula garantiu a viabilidade da participação de todos, evitando conflitos com outros compromissos e otimizando o tempo de deslocamento, uma vez que a escola se encontra em uma região central e os estudantes residem em diferentes e afastadas localidades.

O projeto, desde o início, caminhou sob uma perspectiva de pensar a luta antirracista no ambiente escolar a partir de leituras, para apropriação de conhecimento, instrumentos institucionais, o Conselho Municipal de Igualdade Racial, e da sociedade

civil, os movimentos negros de Governador Valadares. Para atingir o objetivo da apropriação de conhecimento, a principal instrumentalização foram leituras descoloniais, tendo em vista o epistemicídio⁶ desde África. De maneira sucinta, os objetivos desta pesquisa era compreender o papel da escola no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial e apropriar-se de saberes afrocentrados, sejam orais, escritos ou exposições. A metodologia teve como base a observação participante, a fim de coletar dados qualitativos sobre o cotidiano escolar e as relações raciais. Seguimos as seguintes etapas:

1) Escuta ativa dos estudantes pesquisadores em relação às situações de racismo vividas na vida escolar.

2) Intervenção com textos históricos e teóricos não *eurocentrados*, a fim de apropriarem-se de conhecimentos tolhidos pela estrutura educacional e estimular reflexão crítica sobre a estrutura racista.

3) Realização de roda de conversa com o movimento negro local, momento de escuta com os mais velhos, resgatando a história já construída e a contribuição para a transformação da realidade social.

Inicialmente, a partir do cronograma, foi realizado um momento de escuta dos estudantes negros pesquisadores, de suas vivências no ambiente escolar desde a primeira infância. Foram relatos de bárbaras violências produzidas pelo racismo: físicas, simbólicas e psicológicas. Algumas práticas repetidas na vida da maioria, como por exemplo serem acusados(as) de roubo, punições à vítima e não ao agressor, entre outras. Relatos que trouxeram à tona entendimentos de algumas coisas que tinham ficado irresolutas para eles, por não haver o entendimento de como opera o racismo em nossa sociedade.

Em um dos encontros do núcleo, foi realizada uma dinâmica com o objetivo de auxiliar os participantes no processo de autocompreensão como indivíduos negros. Essa dinâmica consistiu em solicitar que cada um trouxesse uma fotografia de si mesmo cinco anos antes. Ao chegarem ao encontro, as fotos foram entregues aleatoriamente aos participantes, que deveriam observar a fotografia de um colega e identificar as

⁶ “Sueli [Carneiro] cria o conceito de *epistemicídio racial* para discorrer sobre a tentativa de silenciar, apagar as memórias negras, os saberes e culturas da população afro-brasileira.” (Sena *et al.*, 2023, p. 53).

características da pessoa na foto, bem como as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Observou-se que, entre os estudantes negros, a principal mudança perceptível nas fotos antigas era o cabelo. Nas imagens, as meninas apresentavam cabelos alisados, enquanto os meninos exibiam cortes bem curtos. Em seguida, foi solicitado que os participantes olhassem para a pessoa da foto no presente momento e comentassem o que consideravam ter mudado significativamente.

Essa dinâmica propiciou a expressão de diversos sentimentos e reflexões por parte dos participantes, trazendo à tona os mecanismos de resistência e as (sobre)vivências de pessoas negras, além de evidenciar a relação entre as marcas em seus corpos a essas experiências. Essa constatação corrobora as ideias presentes na obra "Tornar-se Negro" da autora Neusa Santos Souza (2021) ao dizer que, a negação da identidade negra é parte do projeto de nossa sociedade de aniquilar o simbólico afro-brasileiro, visando em última instância, a erradicação da cultura e da identidade negras. Sendo mais categórico:

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação. (Souza, 2021, p. 53)

Foram lidas e debatidas nos encontros obras primordiais como “O que é Racismo Estrutural” do professor Sílvio Luiz de Almeida (2018), “Na minha pele” de Lázaro Ramos (2017), alguns artigos que refletiam racismo na escola, tendo como principal referência a professora Nilma Lino Gomes (2002; 2003), o artigo “Desafios para a efetivação de uma educação antirracista” de Jorge Luís Rodrigues dos Santos (2019), e o texto institucional “Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais” do SECAD (2006). Seguindo dentro de nosso objetivo, os estudantes pesquisadores tentaram contactar o Conselho Municipal de Igualdade Racial, pois acompanhariam uma reunião, e não obtiveram sucesso. Nenhum setor da prefeitura soube informar data e/ou local de uma reunião do Conselho. Também como parte da metodologia da pesquisa, teriam contato com o movimento negro da cidade, em sua multiplicidade, ou seja, foram chamados todos os movimentos que têm como base a questão racial: coletivos e pastoral afro. De todos os que foram chamados, apenas dois confirmaram presença e foram ao

encontro do núcleo de pesquisa na escola onde foi desenvolvida a roda de conversa, sendo eles: Coletivo Abayomi e Coletivo Diversidade, Gênero e Negritude Sind-UTE/GV (Figura 2). O encontro foi organizado em formato de roda de conversa, numa perspectiva decolonial, trazendo elementos referenciais dos *griôts*⁷. Em outras palavras, ouvir os mais velhos, entendendo que carregam saberes. Os estudantes pesquisadores conduziram a conversa, deslumbrados com a escuta que foi proporcionada a eles.

Figura 2 - Roda de conversa com o movimento negro de Governador Valadares



Fonte: acervo do Projeto 2, 2022.

Quanto a análise de todo material que se tinha, concatenou-se ao esperado pela pesquisa: a luta antirracista no ambiente escolar ultrapassa a legislação vigente, fruto de uma luta histórica do movimento negro. Cada passo é uma grande vitória, mas ainda são necessários vários exímios passos. Todavia, diante do que se tinha, surgiram outras perguntas: “Por que casos de racismo no ambiente escolar são deixados por trás da cortina? Por que as escolas não punem com consequências mais severas? E como

⁷ Indivíduos de comunidades africanas, contadores de histórias. São considerados como uma biblioteca, são sábios e transmitem seus saberes oralmente.

podemos não parar, mas ao menos, diminuir esses casos? E por que na escola pública os números são gigantescos?”. Estas foram algumas indagações que surgiram a partir da escuta das vivências trazidas pelas participantes do movimento negro.

Entende-se como resposta a estas perguntas que o racismo é estruturante e institucional (Almeida, 2018; Silva, 2017), cuja intenção é manter a estrutura social como está desde a colonização de modo a perpetuar o racismo e, por conseguinte, a desigualdade social. Por fim, o núcleo entendeu que a apropriação de conhecimento, seja produzido academicamente, ou pelo legado do movimento negro, é um dos principais instrumentos para a luta antirracista. Dando importância a isso, e pela oportunidade de uma verba do projeto ser convertida para despesas, a professora orientadora junto à direção da escola, planejaram uma visita técnica ao Museu Afro Brasil⁸, um dos locais de maior conservação da cultura africana e afro-brasileira da América latina.

Figura 3 - Visita técnica ao Museu Afro Brasil



Fonte: acervo do núcleo de pesquisa de iniciação científica, 2022.

⁸ Criado em 2004 por meio da iniciativa do artista baiano Emanuel Araújo, o Museu Afro Brasil está localizado no Parque Ibirapuera em São Paulo e tem como proposta desconstruir o imaginário da população negra, associado apenas à escravidão e estabelecendo, portanto, a inclusão social deste grupo e propondo reflexões sobre a cultura africana e afro-brasileira.

Ao se deparar com aquelas riquezas culturais e históricas, houve uma mescla de sentimentos por parte dos integrantes do núcleo: emoção, orgulho, fascínio, curiosidade, entusiasmo, revolta, dentre outros. No relatório final realizado após a visita, os estudantes descreveram esta atividade no museu como “uma das melhores experiências de suas vidas”.

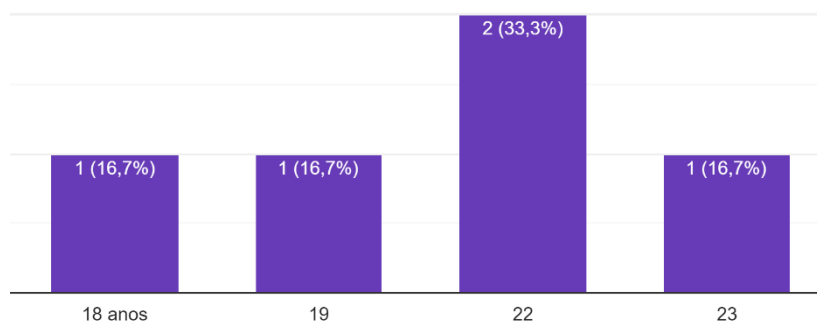
Ao retornar da visita ao museu, o núcleo de pesquisa dedicou-se à sistematização da escrita do relato de experiência, atendendo às exigências do ICEB. Essa atividade foi realizada, predominantemente, nos encontros finais do grupo. Embora houvesse a promessa de publicação dos relatos de todos os núcleos do estado, até o presente ano (2024), essa iniciativa ainda não foi concretizada.

Reflexões e experiências dos jovens pesquisadores do projeto de IC

Vale ressaltar mais uma vez que, nesta investigação optamos por uma abordagem metodológica qualitativa para atingir o objetivo deste estudo, que é refletir e analisar as experiências vividas por estudantes negros no Projeto de Iniciação Científica UBUNTU/NUPEAAs (Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diáspora) para o Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação de MG (SEE-MG), promovido pelo programa ICEB (Iniciação Científica da Educação Básica). Para isso, nos baseamos em um questionário enviado para seis participantes do projeto. Sendo, três que foram participantes do projeto 1 e três do projeto 2. Esta escolha justifica-se pelo fato dos professores pesquisadores não terem o contato de todos os estudantes, sobretudo do projeto 1 que finalizou as atividades em 2018. Os questionários com perguntas fechadas e de múltipla escolha foram enviados no formato *Google Forms* por meio de *WhatsApp* e chat do *Instagram*.

A idade considerada dos estudantes pesquisados foi entre 17-18 anos no período em que realizaram o projeto de IC. Segundo suas respostas, atualmente em sua maioria eles/as se encontram na faixa dos 22 anos de idade conforme a figura 4.

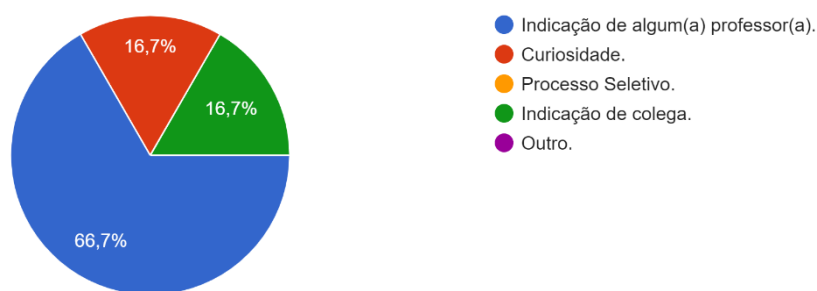
Figura 4: Idade atual dos estudantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Ao perguntarmos os motivos que levaram os estudantes a participarem do núcleo de iniciação científica, a resposta da maioria está relacionada ao incentivo ou indicação de um professor (figura 5). Portanto, uma questão importante nesta análise está no fato do papel do professor/ano fazer um convite aos alunos. Acreditamos que a escolha desta resposta por parte dos estudantes revela uma certa forma dos discentes enxergarem seus professores, entendendo que os mesmos possuem certa confiabilidade, maturidade intelectual e/ou também compreendiam as dimensões constituintes da formação identitária negra e as práticas discriminatórias raciais ocorridas no ambiente escolar.

Figura 5: Motivos que levaram os estudantes a participarem do núcleo de IC

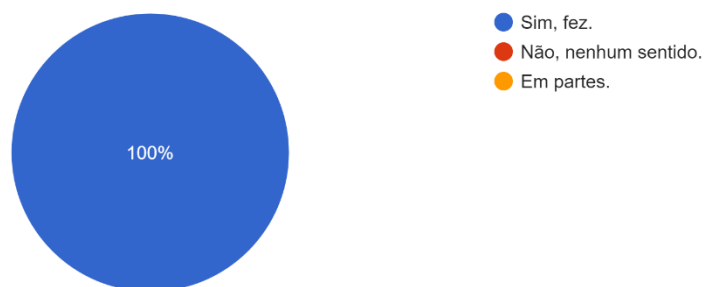


Fonte: Elaborado pelos autores

Podemos mencionar também neste texto que, o projeto de IC fez sentido para a totalidade dos participantes (figura 6). Na verdade, acreditamos que a vivência dos estudantes do ensino médio com a pesquisa permite uma compreensão da natureza e da ciência, dando mais sentido aos ensinamentos em sala de aula. Tendo isto em vista, acreditamos que as atividades desenvolvidas – rodas de conversa, debates, visita ao

museu, produção de documentário – foram ações que contribuíram de forma significativa nessa construção de sentido pelos jovens pesquisadores.

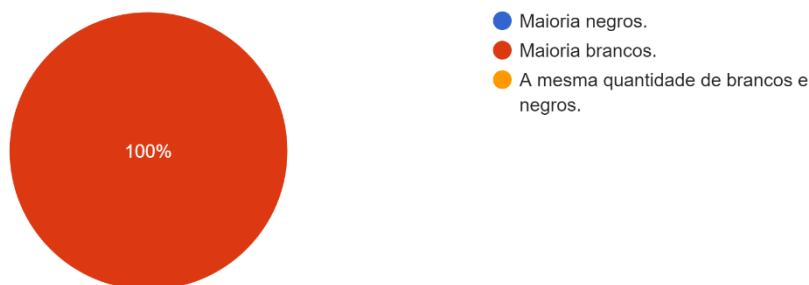
Figura 6: Sentidos e importância do núcleo de IC para os estudantes



Fonte: Elaborado pelos autores

Ao perguntarmos para aqueles que hoje se encontram no ensino superior, qual a cor/raça de seus colegas de turma, todos responderam que a maioria são brancos (figura 7). Vale ressaltar que, ao longo dos debates provocados pelos textos lidos pelos estudantes pesquisadores pelos Projetos 1 e 2 a percepção que eles tinham é que as ações afirmativas já haviam mudado o perfil racial dos estudantes do Ensino Superior, no entanto, ao chegarem na universidade constataam que mesmo após as políticas afirmativas, como as cotas raciais, ainda são espaços institucionais de baixa presença de pessoas pardas e pretas. Daí a necessidade de fortalecer políticas públicas de modo a reparar esta discrepância.

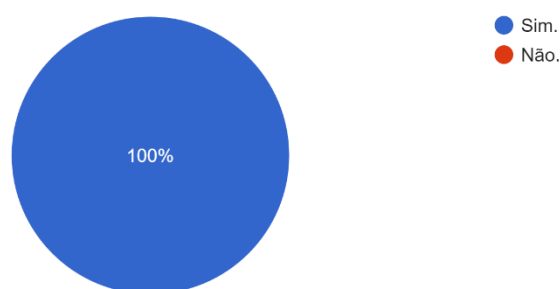
Figura 7: Cor/raça dos colegas de turma dos estudantes na universidade



Fonte: Elaborado pelos autores

Um dado curioso apresentado na figura 8 se refere à observação pelos estudantes de práticas racistas na escola. Todos eles responderam que presenciaram essas atitudes na escola. Neste aspecto, entendemos que o preconceito racial, muitas vezes refletido na escola entre os alunos, é fruto da falta de (re)conhecimento da importância do negro na sociedade e reflexo de uma construção sócio-histórica, que contribui para a continuidade da desvalorização, da estigmatização, da discriminação, da desumanização e do preconceito.

Figura 8: Observação pelos estudantes de práticas racistas na escola



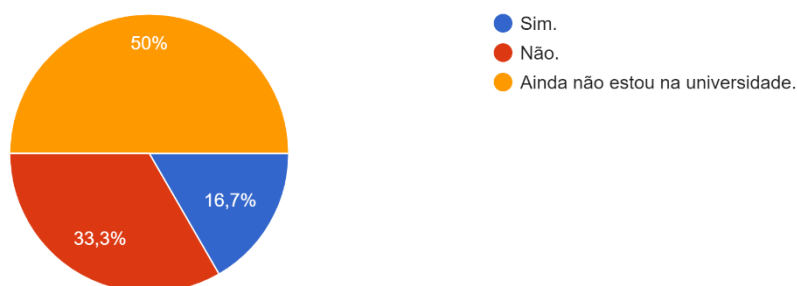
Fonte: Elaborado pelos autores

A análise da figura 8 corrobora a existência de um sistema de opressão racial no ambiente escolar. É possível afirmar que a vivência do racismo é frequente entre estudantes negros. No projeto 2, a escuta ativa de tais experiências foi fundamental para evidenciar o caráter sistêmico do racismo na escola. Acusações infundadas de roubo, punições desproporcionais em comparação com estudantes brancos e relações marcadas por (des)afeto com os profissionais da escola são apenas alguns exemplos das diversas formas de discriminação apontadas pelos/as estudantes negros/as durante os encontros.

Neste estudo, enfatizamos que reconhecer as desigualdades raciais no âmbito escolar ajuda a contribuir para o desenvolvimento de estratégias e políticas que valorizem a diversidade no país. Contudo, queríamos entender como o racismo se reflete no espaço acadêmico, onde metade dos estudantes pesquisadores oriundos dos projetos de IC se encontram. Destes, cerca de 33% disseram que não presenciaram práticas racistas no ambiente universitário (figura 9). Paradoxalmente, essa realidade se mostra como uma

das facetas do racismo estrutural e institucional. Pois ao não vislumbrarem atitudes escancaradas de violência a alunos negros como era mais comum na escola, e acabavam sendo temas recorrentes de debate nas reuniões da Iniciação Científica, estes estudantes não observam sinais – não tão evidentes - do racismo como as dificuldades de outros jovens negros de entrar e permanecer na universidade.

Figura 9: Observação pelos estudantes de práticas racistas na universidade



Fonte: Elaborado pelos autores

A despeito da contribuição da IC para a aprendizagem da história e cultura da África e dos afrodescendentes, todos os estudantes responderam que o projeto contribuiu muito para sua formação para as relações étnico-raciais (figura 10). Em suma, este dado nos revela a importância das atividades desenvolvidas pelo NUPEAAs que, a partir de um trabalho coletivo, buscou promover uma educação baseada na valorização da história e cultura afro-brasileira e africana.

Figura 10: Contribuição da IC para a aprendizagem da história e cultura da África e dos afrodescendentes



Fonte: Elaborado pelos autores

Vale ressaltar que a trajetória escolar representa um importante momento no processo de construção da identidade negra e os grupos de IC com ações propositivas junto aos estudantes pesquisadores mostraram-se como uma potência educativa viável para problematizar e visibilizar o protagonismo dos/as jovens negros/as. Por isso, concordamos com Silva e Bernardo (2019) ao dizerem que a criação do NUPEAAs na escola consistiu no desafio de problematizar “valores universais” expressos nos conteúdos de ensino e nas práticas escolares. Para os autores, durante o percurso da pesquisa foi necessário “[...] construir um saber teórico e escolar fundamentado na educação das relações étnico-raciais com vistas a (re)conhecer, respeitar e valorizar a trajetória escolar e de vida de sujeitos negros e negras” (Silva e Bernardo, 2019, p. 1118).

Considerações Finais

Como vimos neste artigo, ao participarem das atividades da Iniciação Científica UBUNTU/NUPEAAs (Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diáspora) para o Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE-MG), os jovens estudantes negros tiveram a oportunidade de adquirir conhecimentos no campo da ciência e também reconhecer sua identidade étnico-racial no ambiente escolar. Em síntese, esse reconhecimento identitário, que é ao mesmo tempo individual e coletivo, foi capaz de provocar o sentimento de pertencimento e de valorização da sua autoestima africana e afro-brasileira.

Os resultados deste estudo revelam que, as trajetórias escolares desses jovens foram marcadas pelo racismo, preconceito e discriminação racial e ao mesmo tempo àqueles que conseguiram “cruzar a margem do rio” e acessaram o ensino superior vislumbram que essas práticas fazem parte do cotidiano universitário, não apontando, no entanto, que a menor quantidade de estudantes negros nesse espaço em relação aos brancos se constitui como mais uma vertente do racismo estrutural e institucional, que exclui essa população das salas de aula desde o ensino médio. Por isso, defendemos que para o enfrentamento da desigualdade que afeta jovens negros requer a implementação de políticas de financiamento aos estudantes para assegurar a sua permanência na escola, objetivando com isso maior acesso deles na educação superior. Outras políticas também poderiam ser importantes, como por exemplo, formação para as relações étnico-raciais

do corpo docente e gestão escolar; combate efetivo à atos discriminatórios e incentivo financeiro para um real ensino da história e cultura africana e afro-brasileira.

Vale ressaltar que o interstício a ser preenchido nesta pesquisa está no fato da necessidade de maior aprofundamento em relação às respostas dos estudantes, que poderá ser verificada com melhor abrangência por meio de entrevistas semiestruturadas na qual estes sujeitos descrevem com mais detalhes, as atitudes discriminatórias presenciadas por eles na escola e na universidade, como também de que forma o projeto de IC contribuiu ou não para minimizar as práticas racistas no ambiente escolar.

Consideramos importante destacar também que os próprios autores deste artigo foram professores-orientadores dos discentes e puderam observar diretamente a construção do pensamento crítico por meio, sobretudo, da apropriação de conhecimento, seja simbólico e científico. Notaram que à medida que aconteciam os encontros, tomados pelas discussões das leituras, os estudantes negros pesquisadores foram se emancipando conscientemente. Na percepção destes docentes, conseguir concluir uma pesquisa fez com que estes alunos/as erguessem a cabeça e tivessem o entendimento de pertencimento e orgulho de serem negros.

Por fim, é importante dizer que a efetivação dos projetos de IC, em tela neste artigo, só foi possível devido ao apoio recebido por parte da gestão escolar e dos profissionais de educação das escolas pesquisadas. Muitos(as) deles(as) se envolveram de forma bastante engajada nas ações propostas pelo Núcleo.

Referências

ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARTES, A.; UNBEHAUM, S. As marcas de cor/raça no ensino médio e seus efeitos na educação superior brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**, vol. 47, 2021.

BRASIL. Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 07 out. 2023.

CARNEIRO, S. Epistemicídio Racial e o Enegrecer. **Revista África e Africanidades**. n. 45, p. 51-59, fev./2023.

CARVALHO, M. P. de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 22, p. 247-290, jan./jun., 2004.

CUNHA, A. M. *et al.* Articulação entre iniciação científica e promoção da igualdade racial no ensino médio: uma estratégia para políticas públicas educacionais. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, p. 230-242, jan. 2018.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ricardo Henriques. (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03**. Ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005, p. 39-62.

_____. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? Rev. bras. Educ. nº 21, p. 40-168, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmxrHf5nTC7r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2022.

GONÇALVES, R.; AMBAR, G. A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. **Lutas Sociais (PUCSP)**, v. 19, p. 202-213, 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ SECRETARIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

RAMOS, L. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SANTOS, J. L. R. dos. **Desafios para a efetivação de uma educação antirracista**. In: III COPENE SUDESTE, Vitória, 2019. Disponível em: https://www.copenesudeste2019.abpn.org.br/resources/anais/14/copenesudeste19/1561996104_ARQUIVO_e33677a3e81c04d5de3a851231cfc099.pdf. Acesso em: 17 set. 2022.

SILVA, M. A. B. da. Racismo institucional: pontos para reflexão. **Laplage em Revista**, vol. 3, núm. 1, 2017, p. 1-10.

SILVA, V. de S. **Jovens negros no Colégio Pedro II: ações afirmativas e identificação racial**. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2015.

SILVA, N. N. da; BERNARDO, H. A. da C. Conhecer trajetórias de estudantes negros(as) do ensino médio para transformar histórias de vida. **Ensino Em Re-Vista**. Uberlândia, MG, v. 26, n. Especial, p. 1102-1123, dez./2019.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Recebido em: 13 nov. 2023

Aceito em: 06 jun. 2024